

Prévia da minha tentativa de Enemies To Lover

Juan Neves

Capítulo um.

Sentindo a sua cabeça lateja, Gabriel buscou com as mãos em busca de seu celular. Maldita hora que aceitou comemorar com seus amigos naquele bar, ao achar o aparelho ele abriu primeiro o olho direito apertando o botão Power para ver o horário, no entanto, aquela porcaria estava descarregada.

Soltando um resmungo alto ele se senta observando a bagunça que causou em seu próprio quarto, as roupas espalhadas pelo chão e mesmo tirando as peças de roupa e dormindo apenas de cueca, o seu corpo ainda estava repleto de glitter.

Droga, droga, droga.

Se jogando de volta aqueles amontoados de cobertores – que não fazia sentido algum, pois, Santa Catarina não fazia tanto frio assim para ele usar cinco cobertores – Gabriel afunda o rosto em seu travesseiro soltando um gemido.

Após passar mais alguns minutos entre ficar dormindo e estar acordado, o jovem se ergueu em um pulo, se arrependendo instantaneamente, pois parecia que tinha pedras em sua cabeça.

Após tomar remédios e ir para debaixo do chuveiro, ficar lá até seus dedos ficarem enrugados e não ver mais nem um glitter em seu corpo, o universitário decidiu ir comprar os legumes da semana.

Com a sua ecobag debaixo do braço, um boné em sua cabeça e com uma garrafa de água em mãos, Gabriel saiu de seu prédio caminhando até a esquina parando no hortifruti, esperando encontrar Patty, a funcionária que sempre o atente.

“Com licença”, ele diz timidamente entrando no lugar vazio.

“Só um minuto” uma voz rouca e baixa diz do balcão.

“Patty não tem essa voz” Gabriel pensa consigo mesmo analisando umas batatas mais a frente.

“Desculpe, no que eu posso ajudá-lo?” Um rapaz diz saindo debaixo do balcão, “uh você tá brilhando”, ele diz com um sorriso, que para Gabriel, é um sorriso de deboche e ironia.

“O que?” Ele questiona dando um passo para trás, para ser sincero ele não gostou nada daquele rapaz a sua frente.

“Tem glitter em sua orelha”, o outro estica a mão em sua direção, mas, logo recua quando Gabriel dá outro passo para trás, “bom, como posso ajudá-lo?”

“Q-quero barata doce”, ele diz sentido todo o seu corpo esquentar, ele leva a mão até a orelha, delizando o dedo por ela e logo levando o mais próximo do seu rosto para analisar os dedos. Nem se quer um pouco de glitter.

“É na outra orelha, e tem batata doce lá atrás, fique a vontade.”

O rapaz não pegou tudo o que queria, era uma sensação ridícula de constrangimento pelo que o outro cara diz, as palavras e o sorriso repleto de ironia e deboche o atormentou a cada passo que ele dava naquele hortifrute, podia sentir o outro o seguindo com o olhar e fazendo piadas maldosas em sua mente, afinal, onde diabos estava Patty?

Por um instante, Gabriel prometeu a si mesmo que jamais voltaria a pisar naquele lugar, saiu apressadamente quando a transferência foi aceita, voltou para o seu apartamento e se afogou nos cobertores que ainda estava em sua cama.

Droga, droga, droga.

Capítulo dois.

Após organizar a bagunça em seu apartamento, e almoçar apenas batata doce, Gabriel se encontrava revoltado principalmente consigo mesmo, mas, o funcionário do hortifruti tinha lá a sua culpa por nisso.

E toda essa revolta o persegue até a universidade onde ele se encontra com seus amigos.

“Que cara é essa?” Oscar é o primeiro a se manifestar “não comeu?”

Sentando junto aos outros, Gabriel solta um suspiro pesado, “comi, o funcionário do hortifruti debochou de mim.”

“O que?” Sol diz chamando a atenção da mesa ao lado, “como assim debochando?”

“Tomei um banho para tirar todo o glitter de ontem e fui lá, aí ele disse que tinha glitter no meu ouvido com um deboche e mais, ele me tratou super mal” Gabriel disse aumentando a história.

“Tratou mal como?” Sabrina o questiona, “ele foi homofóbico?”

“Não, mas, foi por pouco.”

“Amigo do céu!” Oscar disse tomando um gole de sua Pepsi,,
“e onde estava a Patty?”

“Eu não sei, mas, toda aquela experiência foi horrível, não quero voltar lá nem tão cedo.”

“Está certo, vamos encontrar um hortifruti para você comprar suas coisas”, Sabrina alisava a sua costa.

Gabriel se sentia mal por mentir? Um pouco, mas, dizer que o atendente deu um sorriso debochado não seria o suficiente para irritação que ele sentia e não sabia explicar.

A brisa fresca da noite melhorou bastante o dia exaustivo de Gabriel, o seu único arrependimento era não ter passado e. Um mercado e comprar algo vegano para ela jantar, pois, o mesmo estava faminto e graças ao atendente debochado do hortifruti ele ao tinha nada além de batatas doce para comer.

Entrando no elevador a apertando o botão para o seu andar, Gabriel se encostou em uma das quatro paredes de metal pensando em como seria bom dormir que nem notou a presença de mais alguém ali.

Só veio a notar, quando o cheiro forte de ketchup e molho de tomate invadiu a seu nariz, e mesmo não gostando daquela combinação foi inevitável o seu estômago não se revirar fazendo um barulho alto e arrancando a risada do outro que estava ali.

“Quer um pedaço?” O atendente do hortifruti ofereceu o cachorro quente que estava em suas mãos.

Putá merda, o cara do hortifruti!

“Não, eu sou vegano” ele disse tentando soar relaxado.

“Glitter é um caralho pra sair né?” O outro diz dando uma mordida no seu possível jantar.

“O-o que?”

“Ainda tem glitter na sua orelha, na verdade, atrás dela” ele diz passando o cachorro quente de uma mão para a outra limpando a que está livre em sua calça, “quer que eu limpe para você?”

“Não”, ao perceber que faltava apenas um andar para o enfim chegar ao de seu apartamento, Gabriel se descosidou da parede espelhada cruzando os braços, “você deveria

parar de fazer esse tipo de comentário, e tipo, a sua mão está suja” chegou em seu andar, “e isso o que você está comendo deveria se chamar porco quente, afinal, é disso que a salsicha é feita e não de cachorro”, ele diz por fim deixando o caixa metálica.

Capítulo três.

Após ir dormir sem jantar e não ter nada além de batata doce e aveia para o café, Gabriel decide voltar até o hortifruti.

“Bom dia”, o rapaz abre um sorriso assim que ele entra no estabelecimento.

“Bom dia, eu poderia ser atendido pela Patty”, ele diz analisando as beterrabas.

O outro solta um resmungo fazendo uma careta “a Patty está de férias, pelo visto, gatinho, vai ter que se contentar comigo.”

Gabriel se virou totalmente para a bancada de beterrabas para assim evitar que o outro o visse corado.

“Quer ajuda para escolher as beterrabas?”

“Não precisa.”

“Claro, um cara que come porco quente não pode lhe ajudar a escolher verduras.”

Gabriel se forçou a ficar lá e escolher tudo o que precisava para se manter vivo durante o mês, segundo a sua nutricionista e só depois correu para o seu apartamento ainda sentindo o seu corpo quente.

Soltando as sacolas no chão, Gabriel se jogou no sofá afundando o seu rosto na almofada “que resposta eu poderia ter dito?”, pensou ele.

Mas, logo os seus devaneios foram cortados pelo som de seu celular, indicando alguma ligação.

“Mãe, oi.”

“Oi querido, tudo bem?”

Não, tem um rapaz sendo cruel comigo, ele cogitou a dizer.

“Sim, e com você, tudo bem?”

“Tudo maravilhosamente bem, como anda as coisas na faculdade?”

“Estressante, mas, nada que eu não possa lidar, e o papai, está bem?”

“Sim, querido, então, quando vai vim buscar o Husk

Ah, graças ao estranho do hortifruti, Gabriel tinha se esquecido completamente de Husk, seu gato de estimação.

“Vou ainda hoje, estive ocupado, desculpe.”

“Que isso querido, não é preciso se desculpar, é que o Husk tem sentido a sua falta, ele chora todas as noites.”

Gabriel não evitou sorrir em ouvir isso.

“Vou depois do almoço.”

“Tá bom, mas, você tem certeza que está bem?”

“Absoluta certeza mãe, fica tranquila.”

Gabriel não deixaria aquele estranho atrapalhar a sua vida, voltará ao hortifrute só no próximo mês e até lá ele crê que Patty já voltou, então, tudo certo, está resolvido.

Capítulo quatro.

Após fazer uma limpeza geral em seu apartamento e almoçar, Gabriel deixa o prédio quando o céu já está alaranjado e o vento está se intensificando.

Ele desce os poucos degraus que tem no início do condômino ainda digitando em seu celular que mal nota quando tromba com alguém, “meu Deus!” Ele diz tirando os olhos do celular avistando o rapaz do hortifruti com uma lata de Coca-Cola em mãos, tanto a sua camisa quando a do rapaz está manchada com o líquido gelado e escuro, “você de novo!”

“Era você quem não estava olhando por onde anda”, o outro diz balançando o recipiente para ver se ainda tem refrigerante lá dentro, “e lá se foi seis reais.”

“Você percebe que molhou a minha camiseta, não é?”

“Acho que não só a sua, mas, isso dá para lavar, a minha coca não vai voltar mais.”

“Pensa que você tá ganhando mais alguns anos de vida”, Gabriel rola os olhos passando pelo rapaz de cabelos castanhos.

Só quando ele chaga na esquina ele se recorda que a sua camiseta favorita está molhada, soltando um suspiro pesado ele dá a meia volta entrando no prédio novamente, “segura o elevador para mim!” Ele diz correndo até lá enquanto uma mão impede que o elevador se feche, a mão do rapaz do hortifrute.

Gabriel murmura um valeu e se recosta em uma das paredes de metais.

Faltando três andares para o seu, a luz do elevador pisca e ele para, droga o elevador quebrou.

Após quase uma hora os dois ali na escuridão, o rapaz do hortifruti tentando puxar algum assunto e Gabriel o ignorando a luz finalmente volta e o elevador

volta a se mover, quando a porta se abre no sexto andar tem outro rapaz ali com uma feição confusa.

“Onde você estava?” O rapaz diz puxando o atendente do hortifruti para mais perto dele.

“O elevador quebrou, e eu pedi o celular emprestado pois o meu descarregou, mas, eu estava sendo ignorado.”

Após receber uma careta do outro que estava ao lado do rapaz do hortifruti, Gabriel dá um sorriso sem mostrar os dentes e deixa o elevador.

Capítulo cinco.

Gabriel chegou na casa de seus pais logo após o horário do jantar, sendo recebido por Angel, o cachorro da espécie corgi que a família tinha.

“Oi” ele diz enquanto Angel pulava soltando latidos animados, “e aí, garoto tá bem?” Gabriel se abaixou fazendo um pequeno carinho atrás das orelhas do cão.

“Querido, oi”, esbanjando um sorriso simpático, Primavera diz deixando o interior da casa, “como está magrinho, já jantou?” A senhorinha o envolve em um abraço, “vem, tem jantar.”

O jovem segue sua mãe para dentro de casa.

“E o papai, onde está?” Ele pergunta pegando um prato em um dos armários superiores da cozinha.

“Tá lá atrás, colhendo acerolas.”

Logo após jantar, Gabriel se junta a sua em uma xícara de chá.

“Antes que eu me esqueça, deixa eu pegar algo que fiz pra você lá em cima”, sua mãe deixa a xícara em cima da mesa de centro indo até o andar de cima.

Não muito depois seu pai entra em casa com uma cesta repleta de acerolas, “Gabi, filho, oi”, ele diz com um sorriso, “você tá bem?”

“Tô sim, e você?” O jovem o vê deixar a cesta em cima da mesa de jantar e logo se senta no lugar posteriormente ocupado por sua mãe, “o pé de acerolas deu frutos, então, eu tô ótimo”, ele pega alguns biscoitos amanteigados que estavam a disposição na mesa, “como está as coisas na universidade?”

“Ah, muito, mais muito mesmo estressante, mas, acho que estou dando conta”, ele diz enquanto alisa os pelos sedosos e alaranjado de Husk.

“Você me parece bem, então, acho que está segurando o tranco”, ele se inclina um pouco mais para a frente, “mas, sabe, que sempre pode contar com a gente, não é?”

“Sei, sim.”

“Se as coisas estiver difícil e você precisar de um abraço, o seu pai e sua mãe estão bem aqui”, Gabriel abre um sorriso assentindo com a cabeça, “e você já arrumou algum namorado lá na faculdade?”

“Não, absolutamente ninguém”, ele diz negando com a cabeça.

“Ninguém, ou, ninguém bom para apresentar a família?”

“Ninguém mesmo, a faculdade tem ocupado a maior parte do meu tempo.”

“Gabi, você tem que aproveitar mais a sua juventude.”

“Já faço isso, esses dias mesmo sai com meus amigos, acordei repleto de glitter, uma loucura.”

“Não é disso que eu tô falando, apesar de ser muito bom, logo você faz trinta anos, tente se apaixonar pelas pessoas, não precisa ser o amor da sua vida.”

“Eu ao tenho vinte e três anos, e não é como se eu não tivesse tentando, só não tem ninguém que eu me sinto atraído.”

“Mas, se tiver, vai tentar se aproximar dessa pessoa?”

“Vou, eu acho.”

“Sabe, a juventude é bela, muito mesmo, mas, dividi-la com alguém é incrível, e se essa pessoa for a mesma pessoa com quem você divide a sua velhice, é uma dádiva.”

“Ivo, não apresse o destino só porque você quer netos”, Primavera diz descendo os degraus, “ultimamente tem feito bastante frio e você usa roupas tão fininhas, estou receosa em você ficar gripado.”

“Mãe, você já me fez uns vinte cardigans”, dava para ver no sorriso de Gabriel que aquela observação de longe era uma crítica.

“Vista, deixa-me ver se vai caber, você tem crescido tanto.”

Tirando Husk de seu corpo, Gabriel faz o que a sua mãe lhe pediu.

“Com esse modelo é impossível algo ficar ruim”, Ivo diz enquanto Primavera da uma volta no rapaz analisando o casaco de lã.

“Está dizendo que se não fosse pela beleza de Gabriel, o casaco que eu fiz teria ficado feio?”

“Eu não disse isso, tudo o que você faz é lindo, só não mais que você, mon amour.”

Após dar um risada, Gabriel pega Husk em seus braços novamente, “bom, eu já vou indo.”

“Mas já?”, sua mãe diz, “fique mais, por que não dorme aqui?”

“Tenho aula amanhã.”

“Eu levo você, já tá tarde para você pegar ônibus ou uber.”

Gabriel não reclamou, seguiu o seu pai até a garagem entrando em seu carro e indo até o seu apartamento.

“Sabe, eu não disse aquilo porque quero netos”, seu pai diz se virando para Gabriel, “só quero que você tenha o que eu e a sua mãe tivemos, o que seus avôs tiveram e também o que a suas avós tiveram, é mágico compartilhar a velhice com a mesma pessoa com quem dividir a sua juventude, e no meu caso, a infância.”

“Sei disso, mas, não tem como eu apressar as coisas.”

“Certo, mas, quando a chance surgir, agarre ela com tudo, está bem?”

“Tá bem.”

“Eu te amo.”

“Eu também te amo.”

Ps: caso você não tenha notado, os pais do Gabriel é o filho do Aspen e do Otto e da Vera e da Flora, e sim, eles moram na casa que foi da Indila e do Joseph, os pais do Aspen.

E essa é única das prévias que eu tenho toda a história já planejada, só não gosto do final dela.